



Colocar o Acolhimento em ação requer uma nova atitude de mudança no Fazer em Saúde!

Relato do Encontro do Grupo É Possível em 23/Março/2019

1. Introdução

O homem é um ser social e político, vivendo em grupos, em sociedades. É natural que no seio destes grupos haja conflitos, desentendimentos e interesses divergentes. No entanto, o homem sente necessidade de segurança e busca a harmonia social¹.

Portanto, com essas características de sociabilidade, as interações humanas fazem parte importante do cotidiano do homem nos seus diversos ambientes e momentos da vida e estão susceptíveis aos efeitos “positivos” e/ou “negativos” das reações comportamentais inerentes a cada indivíduo (prazer, amor, raiva, compreensão, cooperação, poder, decepção, etc).

Para os estudiosos, os relacionamentos podem ser unilaterais ou bilaterais. No primeiro caso, apenas um dos lados é ganhador, as sugestões se apresentam em forma de ordem. No relacionamento bilateral as partes envolvidas permitem que se prevaleça a troca de experiências e momento prazerosos entre elas. Portanto, “zelar por essas relações é fundamental para promover relacionamentos saudáveis e duradouros”².

A questão dos fatores dominantes nas relações interpessoais e o conseqüente entendimento do outro é a abordagem central dos encontros do grupo É Possível, que busca o apoio e a troca de experiências mútuas entre os familiares colaboradores, visando contribuir de alguma maneira no autoconhecimento, no amor próprio, na tolerância e empatia para ser aplicada da melhor forma nos seus vínculos, especialmente com os seus vulneráveis.

2. A Reunião

A reunião se realizou no dia 23/03/2019 (sábado) e foi o primeiro encontro do grupo É Possível sob a administração dos coordenadores empossados na reunião anterior, Heliene da Silva Bezerra e Regina Gilson.

1 Sociedade, direito e controle social. Revista Âmbito Jurídico. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/pdfsGerados/artigos/8675.pdf>. Acesso em: 24/02/2019.

2 Relacionamento Interpessoal: Conceito e Importância. Febracis - Coaching Integral Sistêmico. Disponível em: <https://www.febracis.com.br/blog/relacionamento-interpessoal-conceito-e-importancia/>. Acesso em 24/02/2019.

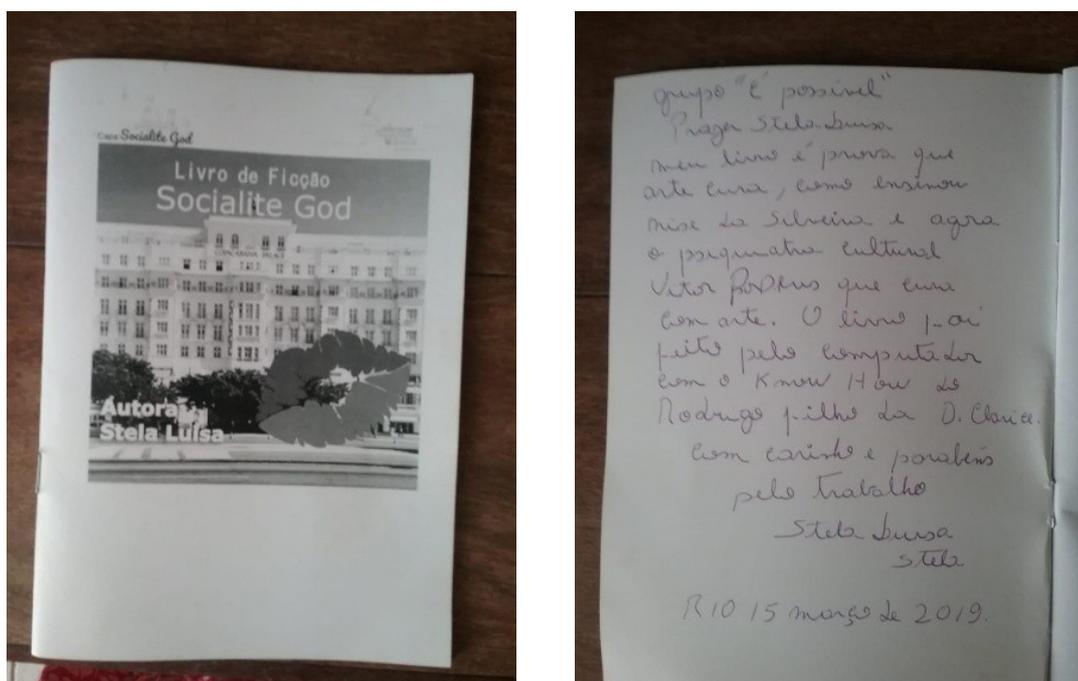
Além dos coordenadores estiveram presentes na reunião: Ana Lúcia Sérgio Einloft, Claudio Monteiro Einloft, Antonio Nunes Jr., Clarice Nunes, Carlos Vieira Duarte, Daniele Amorim Ribeiro e Helena Goes da Silva. Agradecemos a todos que têm ativamente contribuído no grupo e se disponibilizado a trazer sua experiência e reflexão, enriquecendo nossas vidas.

Os tópicos associados ao vulnerável como: independência na rotina do dia-a-dia, frequência à escola e ao trabalho, status social e ocorrência de *bullying* nos espaços públicos, medos e inseguranças diante do desconhecido, pedidos de ajuda em momentos críticos, agressividade e uso obrigatório da medicação. Sobre os fatores que afetam mais diretamente os familiares foram comentados sobre o sentimento de culpa e a geração de expectativas “exageradas” em relação aos vulneráveis. Essas foram as pautas principais do encontro.

3. Assuntos tratados e discussões em pauta

Inicialmente, Clarice Nunes comentou sobre um acontecimento muito importante e que empolgou a todos os presentes com a comunicação do lançamento do livro da autora Stela Luisa (Figura 1), uma portadora de esquizofrenia desde a juventude e moradora de uma moradia assistida. Ela narra as experiências decorrentes do seu adoecimento, desenvolvida sobre a sua ótica e imaginação de contextos. A obra deixa evidente a forma como a Stela ver o mundo e os traços que traz do transtorno mental, o que é maravilhoso! Na redação e outros trabalhos da confecção do livro ela teve a colaboração de outro paciente também portador de esquizofrenia, o Rodrigo, filho de um casal integrante do grupo *É Possível*. O lançamento contou com a participação de familiares, médicos e outros profissionais e amigos do círculo da Stela. Ela também fez uma dedicatória especial a este grupo (Figura 1).

Figura 1 – Capa do livro *Socialite God* e dedicatória da Stela Luisa



O exemplo da atuação da Stela em seu livro abriu a oportunidade para discussão sobre a inclusão do “diferente” nos diversos espaços e mecanismos da sociedade atual, pois o estigma aumenta os agravos do convívio do portador da doença mental no meio social. Como comentado em reuniões anteriores, o grupo discute a viabilidade de um trabalho próximo às instituições da sociedade como escolas, comunidades, empresas, entre outros aparatos públicos para discutir de maneira harmoniosa o assunto. O entendimento é

que as pessoas possam com o conhecimento massificado aprender a valorizar a igualdade e a individualidade entre os indivíduos, independente de rótulos.

Na sequência, foi conversado sobre como é difícil para o portador da doença mental lidar com as responsabilidades das atividades diárias e com outras situações que envolvem tomadas de decisão, é o caso de lidar com o dinheiro da remuneração do trabalho. Se as responsabilidades não forem dosadas, o excesso de atribuições padronizadas pode desencadear um surto proveniente da ansiedade e do stress gerados nestas circunstâncias. Como o “doente” pode se comportar ao assumir um trabalho com horário regular? Será que ele estando estabilizado e com a vontade intrínseca de trabalhar vai conseguir conduzir essa rotina? Essas são algumas das questões que ainda procuramos entender.

Com base no caso de um adolescente vulnerável de 13 anos que apresenta rejeição à escola e episódios de agressividade, essas pautas foram abordadas. Até que ponto o bullying (se tiver existindo) interfere na motivação desse jovem para seguir uma vida estudantil normal e tirar os benefícios que ela oferece? Será que uma formação escolar sem a frequência obrigatória seria adequada no caso citado? Uma pausa nos estudos durante as crises mais fortes pode ser pensada? Como lidar com a agressividade nesta idade? Deve-se entender que o jovem além dos sintomas próprios do adoecimento mental ainda é comprometido pelas alterações comportamentais típicas e delicadas da sua fase da vida – a adolescência, instante em que revolta e agressividade costumam ser mais prevalentes. Um tratamento diferenciado por parte dos pais, usando da compreensão e do diálogo e o reforço das respostas positivas está sendo usado na medida do possível para reduzir as condutas negativas mencionadas. Até gestos como veículo de comunicação foi negociado quando não se “está bem”. Neste ponto, mais uma vez o lema do estigma foi colocado a tona devido à necessidade do adolescente frequentar a escola tradicional.

Um ato típico dos pais é projetar um futuro de sucesso para os filhos, idealizado dentro das suas percepções. O efeito da ansiedade é a maximização das cobranças. Relatou-se que quando se trata de um vulnerável, o acometimento de crises ocorre usualmente no pós-stress, a citar: em situações de entrevista para emprego, ida a escola, tratamento médico, organização da casa e outras reivindicações dos familiares. O ideal é que as cobranças e os limites sejam equilibrados para evitar o stress. O cenário se agrava quando o vulnerável recusa o acompanhamento médico, os conflitos podem incorrer em riscos para o próprio vulnerável ou a terceiros. Foi citado por um integrante do grupo que o seu filho chegou num estágio tão problemático que ele próprio (o vulnerável) pediu ajuda para se tratar, sendo submetido a uma internação de emergência com receio de machucar os pais. Depois, aos poucos, e procurando ajuda a família conseguiu lidar de forma menos traumática com a doença.

3.1 Um dos momentos mais difíceis das famílias é no momento do diagnóstico médico de doença mental. Incertezas, medo, “luto”, negação e dor emocional são sentimentos vivenciados por todos. Para superá-los, os familiares precisam procurar recursos de fortalecimento emocional e psicológico. Cursos específicos, terapias, participação em grupos de apoio e condução da vida próximo da normalidade são opções aconselhadas para todos os envolvidos (pacientes e parentes). O Programa de Psicoeducação e o Projeto Entrelaços oferecidos pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB) tem a proposta de recuperação e empoderamento da família e dos pacientes para uma nova abordagem na saúde mental, logo, ajuda as pessoas a terem um entendimento mais real da doença mental. Com o tempo e a aceitação da realidade as expectativas em relação ao outro diminuí, reduzindo os conflitos entre os familiares e vulneráveis. Foi citado até o lema “Só por hoje”, da comunidade dos Alcoólatras Anônimos, para se tentar reduzir os anseios quanto ao futuro.

A medicalização obrigatória mais uma vez foi discutida superficialmente, a base científica não chegou a ser aprofundada por falta de conhecimento do grupo. Sabe-se que é um tema em pauta dentro do contexto de terapias alternativas, mas que levanta muitas polêmicas. Uma das participantes tem um filho que não toma o medicamento e optou pela religiosidade, mas é um caso específico.

Na finalização uma das presentes citou a importância de estar compartilhando seus problemas familiares com o grupo e que a sua evolução tem ajudado, mesmo que indiretamente, os seus familiares vulneráveis a conduzirem a vida de maneira mais independente. Deu como exemplo o irmão que esteve internado em um manicômio durante trinta anos e há três meses está em casa, aceitando o tratamento no CAPS e ajudando nos afazeres domésticos, coisa inimaginável anteriormente.

4. Conclusão

Foi consenso do grupo que a participação ativa no grupo e a integração com os meios disponíveis de empoderamento da saúde mental têm levado a melhora progressiva da qualidade de vida dos vulneráveis e seus familiares. É importante alavancar no caminho da quebra de estigma e de outras barreiras sociais e dar chances as pessoas de viverem uma vida digna, mesmo aqueles que por condições adversas não desfrutam de discernimento e bom-senso vislumbrados pela sociedade moderna.